

## **UMA DESCONHECIDA EPOPEIA INDIANISTA**

**DAVID T. HABERLY**

A posição central do indianismo na história da nacionalização do verso no Brasil é já indiscutível. Contudo, apesar da importância desse movimento, há de fato muito poucos textos indianistas. A fragmentária "Epopéia Americana" de Luís Delfino dos Santos tem, porém, ficado quase desconhecida, não entrando nem nas antologias nem nos estudos do indianismo brasileiro. Esse esquecimento é bem compreensível, já que só quinze estrofes do poema apareceram, num livro póstumo do poeta catarinense publicado em 1940. (1)

Gracas à bondade da família de Luis Delfino, eu tive a oportunidade de transcrever os fragmentos existentes da obra incompleta dos manuscritos que ele deixou (2). Publico-os agora, apenas modernizando a ortografia, com uma breve introdução à vida do poeta e uma primeira tentativa de explicar e avaliar a obra.

Luis Delfino dos Santos nasceu em Destêrro (hoje Florianópolis) em 25 de Agosto de 1834. Formou-se em medicina no Rio, em 1857, e lá abriu uma clínica, especializando-se em moléstias femininas. Segundo a tradição da família, Delfino escrevia poesia quando ainda menino, mas os primeiros versos que publicou datam de 1852. Menos de uma dúzia dos seus poemas apareciam, na década seguinte, em jornais e revistas cariocas, mas o jovem rapidamente conquistou uma formidável reputação literária.

Tinha, primeiro, uma capacidade assombrosa para a assimilação (se não, às vezes, a imitação) de qualquer estilo poético, do romantismo de Gonçalves

- 
1. Estrofes 80 a 94 do texto apresentado aqui apareceram no *Esbôco da Epopéia Americana*. Rio, Irmãos Pongetti, 1939.
  2. Agradeço a ajuda da neta do poeta, Sra. Cordélia Delfino Amorim de Lima, que me permitiu estudar e transcrever os manuscritos.

de Magalhães até o abolicionismo condoreiro. Além disso, o médico sóbrio e trabalhador, na época de Álvares de Azevedo, Junqueira Freire, e tantos outros talentos jovens, deve ter agradado muito os donos velhos e bastante conservadores da poesia brasileira. Assim, em 1862, Luís Delfino apareceu entre os "Redatores e Colaboradores" da *Revista Popular* do Rio, elevado ao nível de figuras como Herculano, Castilho, Pôrto-Alegre, Gonçalves Dias, Mamedo e Varnhagen (3). E jovens esperançosos já procuravam Delfino; J. A. Teixeira de Melo lhe escreveu, em 1859, uma carta de apresentação para um tal "Machado Assis [sic]" (4).

Delfino, porém, não se preocupava com a fama literária que tão facilmente conseguiu. Definia a profissão do poeta puramente em termos do momento de criação artística, atitude altamente romântica que duraria por toda sua vida. Passado aquêle momento de êxtase, de contato entre a alma e o além, Delfino não se interessava muito pelo destino das obras assim produzidas. Quando, em 1862, alguns dos seus clientes ameaçavam não confiar mais as espôsas e as filhas a um médico que escrevia poesia cheia de erotismo, visões mórbidas e até abolicionismo, Delfino abandonou sem pesar a publicação de seus versos.

Durante 17 anos de silêncio poético, Luís Delfino se fêz rico e respeitado (5). Sempre "grave, elegante e importante (...) de sobrecasca abotoada, chapéu alto, luvas de pelica negra, impecável, sem uma poeira e sem uma ruga" (6), chegou a ser "mais capitalista do que médico: possui bons prédios e grandes estalagens. É um homem rico. É o caso único de um poeta rico em todo o Brasil!" (7). Mas Delfino continuava a cultivar as musas, em segredo. Escrevia muito rapidamente, quase sem pensar, e as poesias saiam às centenas. Não fazia seleção, raramente emendava, e guardava tudo que produzia num velho armário de jacarandá, o bom ao lado do ruim, o indianismo ao lado do condoreirismo.

Seguro na riqueza e na posição social, Delfino voltou ao mundo literário em 1879, publicando "Solemnia Verba" nas páginas da *Revista Brasileira* (8). Essa homenagem mediocre e pesada à república liberal na Espanha não despertou muita atenção, mas um grupo dos chamados "novos" (Valentim Magalhães, Alberto de Oliveira, Artur Barreiros e alguns outros) começavam a cultivar o poeta velho (9). Louvavam as obras inéditas que ele recitava, gri-

3. A *Revista Popular*, vol. 4, n.º 13, Rio de Janeiro, 1862.
4. Duma carta inédita, datada em 29 de Julho de 1859, na biblioteca da Sra. Delfino Amorim de Lima.
5. Delfino só quebrou o silêncio uma vez, com a publicação de «Aquidaban», poesia patriótica sobre a guerra paraguaia, no «Diário do Rio de Janeiro», do dia 2 de Maio de 1870.
6. De um artigo anônimo sobre a morte do poeta na «Gazeta de Notícias» do Rio, 1 de Fevereiro de 1910.
7. Silvio Romero, *Estudos de Literatura Contemporânea*. Rio, Laemmert, 1885, p. 235.
8. N.º 1, Rio de Janeiro, Junho de 1879, pp. 290-304.
9. Valentim Magalhães, «Luis Delfino». A *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 29 de Abril de 1884.

tando e gesticulando de maneira quase cômica (10). Delfino, por sua parte, assimilou mais um estilo poético, publicando um punhado de sonetos das revistinhas da nova geração, da qual já era o "patriarca indiscutível e indiscutido" (11).

*A Semana*, revista dos novos, em 1885 solicitava os votos dos leitores para "O Maior Poeta do Brasil" (12). A chapa da *Semana* era Luís Delfino, cuja grandeza era cantada numa série de artigos, mas os leitores não concordaram. Gonçalves Dias ganhou, seguido por Castro Alves; mas Delfino, no terceiro lugar, pelo menos foi proclamado "o maior poeta vivo do Brasil". Esse, porém, não gostava da polêmica, e retirou-se outra vez da vida literária. Mandava centenas de poesias a jornais e revistas, mas quase nunca passou pelos cafés e livrarias da Rua do Ouvidor, e nunca quis publicar os versos em volume.

Já antes de 1890, Delfino abria a casa a uma nova geração de escritores, quase todos do Sul. Virgílio Várzea, Emiliano Perneta, Nestor Vitor e o trágico Cruz e Sousa recebiam ajuda do poeta, publicavam algumas poesias dêle nos jornais onde trabalhavam, e chegaram a proclamá-lo o seu patriarca. Era obviamente impossível ser simultaneamente o patriarca do Parnasianismo e do Simbolismo, e aquêles se vingavam da infidelidade do poeta. Apesar duma defesa vigorosa por parte do melhor amigo, Alberto de Oliveira, Luís Delfino foi excluído da Academia Brasileira das Letras porque não tinha livro publicado. Os simbolistas reagiram, procurando repetir a tática da geração anterior, e em 1898 publicamente declararam Delfino o "Príncipe dos Poetas Líricos do Brasil". O velho quase não aceitou "a coroa simbólica de carvalho com bagos de ouro", e depois da homenagem recusava participar mais nas polêmicas dos dois grupos de amigos (13).

Ainda escrevia constantemente, porém, produzindo mais de quinhentos sonetos entre 1897 e 1910, mas sempre publicando-os em jornais, nunca num livro. Embora quase desconhecido, o culto de Delfino chegou a tal ponto que Silvio Romero o classificou, em 1900, como "o maior poeta do Brasil" (14). E quando Delfino morreu, no dia 31 de janeiro de 1910, foi elogiado por todo o Brasil, aceito como um dos talentos mais importantes por críticos que só se lembravam de uma e outra linha bonita de obras há muito enterradas no pó de jornais velhos. Sem a base sólida de uma obra acessível, toda a fama superficial rapidamente evaporou-se. Quando a família do poeta finalmente conseguiu reunir e publicar, em treze volumes, menos de oitenta por cento

10. Carlos D. Fernandes descreveu as recitações de Delfino num artigo, «Luís Delfino», publicado n'O País, Rio de Janeiro, 17 de janeiro de 1926, p. 2.
11. Carlos de Laet, «Microcosmo». O Jornal do Comércio, 3 de maio de 1885.
12. A Semana, vol. 1, n.º 15. Rio de Janeiro, 11 de Abril de 1885. Já descrevi concurso com mais detalhes em «Luís Delfino and the Parnassian Revolution», The Luso-Brazilian Review, Vol. 6, n.º 2. Madison Wisconsin, Dezembro de 1969, pp. 44-54.
13. «Notas a lápis», O Monitor Campista, 8 de fevereiro de 1910.
14. O Livro do Centenário, III. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1900, p. 71.

da obra desorganizada e esparsa que Delfino deixou, a formidável reputação que durara mais de meio século já não existia mais.

A influência de Gonçalves Dias levou Luís Delfino para o indianismo. "A virgem da floresta", escrita em 1853, refletia o "Canto do índio"; "A origem das nuvens", de 1854, pretendia imitar até os anapestos do "Gigante de pedra" (15). Conta-se, ainda, que o jovem catarinense levou uns manuscritos à casa do mestre; Gonçalves Dias estava tomando banho quando lhe entregaram os papéis, mas saiu momentos depois, gotejando e gritando "Temos um poeta! Temos um poeta!" (16).

Parece que Delfino só queria, nesses poemas indianistas, ensaiar mais um estilo e agradar algumas das figuras mais poderosas da vida literária. Ele deixou o gênero durante anos, retomando-o para começar a "Epopéia Americana". Desconhecemos a data exata desta obra incompleta, mas todos os dados — a caligrafia dos originais, a maturidade das idéias e do estilo em cotejo com outras poesias de data certa — indicam a época entre 1865 e 1875.

Planejar uma epopéia, porém, não é acabá-la. Delfino era sempre capaz de imaginar obras ousadas e grandiosas, mas era igualmente um poeta de voo curto, um sonetista que só descobriu a vocação depois de 1881. Passado o momento de entusiasmo e composição rápida, Delfino se confessou incapaz de continuar com a obra (Estrofe 127). Botou os fragmentos no armário, e os esqueceu durante décadas.

Muito tempo depois, provavelmente entre 1890 e 1900, o poeta descobriu alguns elementos da obra incompleta, explicando numa nota manuscrita que "o que escrevera sobre este ensaio de — Epopéia Americana — eu julgara completamente perdido. Achando alguns fragmentos, publico-os à medida que os vou tendo à mão. É possível que eu possa achar o todo homogêneo que o compõe, os intervalos ficarão preenchidos, e o sentido da obra começada completo, pelo menos no que escrevi". Mas o poema ficava esparsa e inédita. Depois da morte do poeta, o filho — Tomás Delfino — finalmente conseguiu reunir todos os fragmentos existentes, mas publicou só quinze estrofes da obra.

Agora, porém, podemos ter uma idéia da epopéia fragmentária. Delfino começa com a apresentação duma figura singular, o Velho. Este se refugia duma pororoca nas fôlhas duma palmeira, e ali observa um grupo de índios. As águas arrebatam a Virgem-filha do cacique, noiva do Guerreiro, e a mulher mais bela do mundo americano. O Velho consegue apanhar o corpo morto dela, levando-o por perigos enormes através do rio Amazonas. Chega,

15. «A virgem» apareceu na Revista Popular do Rio, vol. 3, n.º 9, 1861, pp. 55-57, e nunca foi reeditada. «A Origem» não foi publicada na época, mas aparece no póstumo Poesias Líricas. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1934, pp. 23-38.

16. Essa anedota, que Delfino gostava de contar à família, me foi transmitida pela Sra. Cordélia Delfino Amorim de Lima.

finalmente, a um lugar predeterminado, e lá prepara um leito de fôlhas para receber o corpo, pintando a beleza morta para fazê-la parecer ainda viva. Um sabiá canta a morte daquela beleza, daquele mundo. O Guerreiro vem, seguido pela tribo, e ele grita contra o destino cruel que lhe roubou o amor e o futuro, até procurando matar os deuses que controlam as fôrças naturais. Os índios preparam as exéquias, o Velho entra para servir de Pajé, e o poema pára.

Essa "Epopéia Americana" tem alguns aspectos bem interessantes em comparação com outras obras indianistas. Notamos primeiro a quase completa desnacionalização do indianismo, tendência que se vê em certas obras de Gonçalves Dias (o uso da palavra *manitô*, por exemplo), mas que aqui chega ao máximo, num poema não brasileiro mas americano. O único elemento especificamente brasileiro na epopéia delfinista é o uso de um punhado de vocábulos de origem tupi, palavras às vezes ou mal empregadas ou mal escritas.

O papel da Natureza aqui é também muito diferente. Nas outras obras do indianismo, encontramos quase sempre um tipo de balanço ecológico entre o índio e seu ambiente, uma relação de iguais que convivem. No poema de Delfino, porém, a Natureza é quase sempre inimiga, perseguindo a vida humana e, como veremos, conseguindo destrui-la.

Se os índios no poema já não podem controlar as fôrças naturais que os cercam, o poeta mesmo é igualmente incapaz de dominar a Natureza nos seus versos. Na grande maioria de obras indianistas, a Natureza só serve para situar a ação dentro de determinada região e para criar um fundo bonito e mais ou menos realista para a ação humana, para a guerra e o amor. Delfino, ao contrário, muitas vezes se deixa levar por repetitivas e prosaicas descrições da Natureza, quase esmagando os poucos momentos de ação: o Velho mata a onça, por exemplo, dentro duma linha (estrofe 52).

Dentro dêste mundo índio ao mesmo tempo medroso e impotente — visão bem parecida com a de Claude Lévi-Strauss — vemos só três figuras importantes. Figuras misteriosas, abstrações quase anônimas e não os índios de carne e osso que outros poetas pretendiam criar. Há um Guerreiro, mas a guerra — tema principal da maior parte das epopéias indianistas — aqui não existe. Há uma Virgem que é noiva, mas tampouco existe o amor humano, natural — substituído pela adoração impotente e até perversa dum corpo morto e frio.

O Guerreiro é o mais tradicional dos três, e tem até nome próprio, Guaraci. Mas é ainda uma figura sobre-humana, uma lenda em toda a América e agora transformada num "Ser à parte, estranho, Vertiginoso, colossal" pela perda do amor. A Virgem, que só vemos depois de morta, é descrita com

grande cuidado, mas os detalhes, surpreendentes às vezes, talvez sejam menos eróticos do que científicos, feitos por um especialista em moléstias femininas. Essa minuciosidade coexiste, porém, com o mistério. A Virgem é igualmente um ser à parte: a mulher mais bela da América índia, mas uma mulher branca, descendente, talvez, duma raça morta. Além disso, há certa coisa estranha, até anormal nela, pois Delfino diz que "com certa sombra d'homem de mistura (...) / Coisa não vista, assim era mais bela" (Estrofe 23).

O Velho é o mais misterioso dos três, combinando várias tradições literárias: o Adamastor, o gigante de pedra que Gonçalves Dias criou, e Ahasverus, o judeu errante e eterno do romantismo europeu. Delfino nos revela que o Velho é "a alma do tempo em forma humana", uma "sombra cinco ou seis vezes miliária", um elemento telúrico e imortal que já presenciou o nascimento e a morte de várias raças e culturas. O poema, devemos acentuar, não vem da mitologia índia, de que Delfino provavelmente sabia muito pouco. Vem do romantismo europeu sim, mas também continua uma tradição infinitamente mais velha, o messianismo dos povos da Ibéria. O Guerreiro e a Virgem são os dois representantes mais perfeitos duma civilização inteira, e o fruto do seu leito poderia ser o escolhido, a única salvação dum mundo em caos. Mas as implacáveis fórcas da Natureza e a hostilidade dos deuses que as controlam destroem a possibilidade de salvação. Nesse momento ambíguo, antes da chegada dos brancos ou talvez séculos depois do seu desaparecimento (Estrofes 34-35), o Velho chega para também morrer, para "sua missão cumprir, a derradeira: / Chorar na cova de uma raça inteira" (Estrofe 3).

É muito provável que Luís Delfino tivesse planejado ampliar a obra, utilizando a figura do Velho para narrar todo o passado e futuro da América em cantos sem número, produzindo outro mastodonte poético como o *Colombo* de Pôrto-Alegre. Delfino fracassou, felizmente, e nós ficamos com os fragmentos duma visão descascada. Essa visão, porém, basta para fazer a "Epopéia Americana" um documento valioso e altamente sugestivo, uma contribuição importantíssima ao indianismo brasileiro.

#### A EPOPEIA AMERICANA

(Diz nota antiga, estas 7 estrofes referem-se ao Velho. Prepara-se a ação do poema).

1. *As rumorosas vagas sacudidas  
Do dorso nu das ermas cordilheiras  
As rasas chás agora não sabidas,  
Como grãos d'ouro às brancas ribanceiras  
Das águas das montanhas despedidas,  
Já crespas só, já crespas e altaneiras,  
Misturavam passando em toda parte  
Aos ossos colossais ruínas de arte.*

2. *Tradição grande, palpitante, eterna,  
Encarnação do continente imenso,  
(A história vive, ensina, e nos governa)  
Do abismo secular no abismo extenso  
Suspendeu esta mágica lanterna,  
Que arranca a noite do seu véu mais denso,  
E aclara, e mostra esplêndidas ruínas  
Aqui num vale, ali sobre ruínas.*
3. *Sombra cinco ou seis vezes miliária,  
Animada de um sopro, que a eterniza,  
Sempre a mesma entre tanta sombra vária,  
O velho a eternidade simboliza:  
Viu a civilização rudimentária,  
Viu a perfeita; agora ele precisa  
Sua missão cumprir, a derradeira:  
Chorar na cova de uma raça inteira.*
4. *Quando o futuro carregando o arado  
Por velhos sítios de florestas vírgens  
Procurasse a grandeza do passado,  
E a história das belíssimas origens  
De um povo todo inteiro sepultado,  
Neste supulcro, que dois mares cingem,  
Que diria de nós, que em pó tão santo  
Não pusemos sequer o hino de um pranto.*
5. *Velho filho das terras do Colombo,  
Salvarás tu essa arca flutuante?  
Trarás o ramo verde, como o pombo  
Por terra em flor, e céus em sol errante?  
Despenharás do agudo, áspero lombo  
Das serranias lápida gigante,  
Que tenha à pedra, ou osso, ou bronze, ou tinta  
Escrita a história, que à razão não minta!*
6. *ó Musa das Américas grandiosas;  
Dá ao meu plectro um canto sonoro  
Cheio de luz, do sol, e odor de rosas,  
De murmúrio de rio em vale umbroso,  
De vozes de tormentas procelosas,  
Das florestas, do mar, do vento iroso,  
Que eu tento derramar por toda terra,  
Quanto amou, e sofreu: tudo o que encerra.*
7. *Vós, o índio, a mulher que amo e me alenta,  
O amor da grande pátria — a humanidade —  
Encher-me-ão esta estrada deserta e lenta  
De consolo, esperança e claridade;  
E hão-de mostrar que o velho nada inventa,  
Que ele é a voz sublime da verdade,  
Que quer da raça que acabou ou respira  
A vida inteira eternizar na lira.*

(Tradição da Palmeira. O velho observa as tribos do alto dela, reunidas ao longe. A pororoca arrebata uma mulher).

8. *Colosso armando de potentes asas,  
Que em cada uma um furacão coubera,  
Trazendo troncos e torrões com casas,  
Ilhas com mato, e a flor que o mato gera,  
Batendo por milhares campinas rasas,  
Lançando ao longe as ilhas que trouxera,  
Erguendo o colo, ameaçando o espaço,  
Fugia ao mar com horrido fracasso.*
9. *Por cima da palmeira salvadora,  
Serena e esbelta, como em noite estiva,  
Antes que chegue a aurora — a virgem loura  
Que as rosas da manhã no céu cultiva —  
Via passar a serpe ameaçadora  
O olhar brilhante, a fronte em calma altiva,  
Mas nessa imóvel posição de cobra,  
Que ao ver a presa, de cuidados dobrá.*
10. *Chegou. — Ruidosamente, horrendamente,  
Bem como um mundo em convulsões deserto;  
Passou babando espuma de repente,  
Como o jaguar ferido no deserto,  
Como pégão que fura a selva ingente,  
Como raio, que troa e voa, incerto,  
Sob a alma do tempo em corpo humano,  
Em forma d'água a alma do oceano.*
11. *Essa palmeira parecia filha  
Da palmeira dos tempos primitivos,  
Que salvou — por estranha maravilha —  
Jacaré com seus filhos todos vivos;  
Quando Deus, que ergue agora, agora humilha,  
Vendo da terra os crimes excessivos,  
Segundo a tradição, só deixa intacta  
Salvar-se uma família na palmeira.*
12. *Subindo o tronco esbelto... ia subindo  
As folhas espalmadas estendendo,  
Como a harmonia d'um chirrado lindo  
Em noite de luar, n'água gemendo,  
Como a taba espreguiça-se dormindo,  
Ao pé do rio murmure correndo,  
A palmeira subia... e enfim subia,  
Como uma trepadeira de harmonia.*
13. *Crescia o tronco, as folhas aumentavam,  
O céu perdia o azul formoso e puro,  
E as nuvens brancas delas se arredavam.  
E o céu ficava imensamente escuro,  
E as águas ululando rebramavam  
Como um mar, que remorde um seixo duro,  
E a coroa da palmeira se espalmava,  
E só por dentro dela o sol brilhava.*

14. *Bergo de verde e luminoso vime,  
Esmeralda tecida em frouxo ninho,  
Essa família que passou sem crime,  
Tinha as brisas do céu com seu carinho,  
A luz do sol, que a cõr à vida imprime,  
A paz no seu seguro desalinho,  
A força e o alento, a fé que dobra o alento,  
Se é Deus por nós, e pela barca o vento.*
15. *As tribos do Amazonas congregadas  
Viu elle ao longe, sobre um vale ameno:  
Velho cacique d'armas implumadas,  
Na mão a maça, que dá força ao aceno  
E a cõr do fogo às frases arrojadas,  
Movia mais seguro que sereno:  
Um bramia, outro o arco experimentava,  
Outro aplaudia o chefe, que falava;*
16. *Aquele enfa a flecha envenenada  
Num beija-flor que mal excede à mosca.  
Quando em asas gentis no espaço nada;  
Outro, com expressão audaz e tóscia,  
Fingia andar na luta ensanguentada;  
Outro, irrompendo de uma estranha rúeoa  
Em que sumira o corpo de repente,  
Dava pulas no ar, como serpente.*
17. *As mulheres n'argila trabalhando,  
Limando a pedra um pouco já lascada,  
Outras as várias tintas misturando,  
Outras rindo, outras não fazendo nada,  
Outras em danças bárbaras girando,  
Mas toda gente em calma descuidada,  
Como um tigre uma paca leva ao dorso,  
Vê uma delas, sem menor esforço,*
18. *Sem uma luta, em rápido remoinho  
Cair na pororoca, que correra  
Como uma cobra que devora um ninho;  
Como o fogo que engole uma palmeira  
Que era a esbelta princesa do caminho;  
Como a igara que cai na cachoeira  
Que rola em volta, em volta, e vai a pique...  
Quem foi? quem foi? — A filha do cacique.*
19. *Foi de pasmo o primeiro sentimento:  
Foi qualquer deles pedra inanimada  
Aquele brusco e temeroso evento:  
Foi sobre eles montanha arremessada  
Deixando-os sem razão e movimento:  
Mas pouco e pouco a mó ergue-se irada,  
Bem como o vento agita as selvas todas,  
E as torna roucas, desgrenhadas, doidas...*

(Continuação da descrição da Virgem nos braços do velho).

20. Ele acentava silenciosamente  
Para os dois seios sólidos, pequenos,  
Cheios de luz ainda; e a cér ardente  
Dos dois bicos esplêndidos, serenos,  
Banhados d'uma sombra saliente  
De cabelos finíssimos: terrenos  
Raíos de estréla esplendorosa e doce,  
Que como em próprio ninho ali deixou-se.
21. Entre a separação de peito a peito,  
Lá onde os dois irmãos estavam rindo,  
E como inda ríriam com efeito,  
Pois era cada seio o sol mais lindo,  
Como na fulva areia de dureo leito  
Finos cabelos negros reluzindo,  
Traçaram sulco, como a luz de um facho;  
E iam crescendo mais e mais a baixo.
22. O enduape de penas variadas,  
Que o ventre e as coxas todos lhe envolvia  
Nos turbilhões das águas balouçadas,  
Perdido, ela ficou como se via,  
Nua, como as estátuas trabalhadas  
Num país, que talvez existiria:  
Porém tempo, invasões, distâncias, guerras  
Fêz perder a lembrança dessas terras.

(O Velho admirando ainda a Morta).

23. Havia o odor de um novo encanto nela:  
Cabeça inteligente e a forma pura  
Da mais formosa, indiana donzela,  
Com certa sombra d'homem de mistura;  
Coisa não vista, assim era mais bela.  
E o velho, dentro dessa pele dura  
Que igualara a das onças na aspereza,  
Tinha saltos de tigres em bravessa.
24. Assim no cimo de escalvada pedra,  
Sobre uma fenda um mal seguro tronco  
Prende as raízes: por instantes medra,  
Coroa-lhe a fronde da procela o ronco,  
O toso ninho ao pé uma águia engendra;  
Cospes-lhe o raio, a flecha, e o ápice bronco  
Sacudido estremece, e se esborba;  
O ninho cai, e o tronco: a águia só vôa.
25. O pensamento mau o ninho fôra,  
Fôra o tronco na rocha montanhesa:  
O velho tinha a Eva tentadora,  
Tinha o ardente aguilhão d'uma beleza,  
Ali mas a morte desconsoladora  
Fizera d'ambos sua inerte presa:  
Com ela morta, nesse frio horrível,  
O crime, o crime mesmo era impossível.

26. Nem ele, quando o fogo do guerreiro  
 Jovem fervendo em discussas pelo sangue  
 Para nas mãos erguer um mundo inteiro,  
 Como o cadáver de um leão exangue,  
 Sempre a se avantajar, como o primeiro  
 Na força e luta, nunca ousou um langue,  
 Mórbido olhar de amor lançar na amante  
 D'outrem, quanto mais hoje, e nesse instantes!
27. Era a honra do herói a águia: — O instinto,  
 Por um momento fraco e subjugado,  
 O dominou; por turvo labirinto,  
 Quem se não sente às vezes revocado?  
 Cai uma estátua do mais rijo plinto.  
 Encontrar o inimigo encarnicado,  
 Ter para a luta indômita coragem,  
 Vencer — era de herói: foi do selvagem.
28. Mas ele fôra o Esquilo do drama,  
 O Canova de mão prodigiosa,  
 Que as curvas linhas a cantar derrama  
 Estrofes pela pedra sonrosa;  
 Ele que tem um coração que ama,  
 E em tudo encontra a lira harmoniosa,  
 Com tantas cordas, como as tem sua alma,  
 Onde há amor ardente, e paixão calma.
29. Enquanto vai mordendo a água agitada,  
 Com um pé, e outro pé, que os move a custo,  
 Em alma de receios eriçada,  
 Embora em cada braço seu robusto  
 Haja uma tribo heróica e dedicada,  
 Treme-lhe o corpo, como leve arbusto:  
 Se a cobra vem! Se o crocodilo o investe!  
 E tão covarde a cólera celeste!
30. Vem como um tigre, ou raio dos espacos,  
 Como tribo inimiga da improvviso,  
 Quando o homem não tem os seus dois bracos,  
 Prêses no corpo morto de um sorriso,  
 Queinda está rindo por seus membros lassos,  
 Por uns olhos sem luz: hoje é preciso  
 Ter a estrada com sol, sem cobra o ninho,  
 Não ter onças em meio do caminho.
31. Ia pensando, e ia caminhando:  
 Mas o poema da mulher defunta  
 Tinha elegias, e um cantar tão brandol...  
 Quem vira assim a vida à morte junta  
 Como ali! O Amazonas murmurando  
 Parecia fazer-lhe uma pergunta;  
 E cada vaga que ele esmaga e corta,  
 Parece que lhe diz: entrega a Morta.

(O Velho continua a passagem do Amazonas).

32. A pele... a pele fina e delicada,  
Quase branca, brilhava docemente  
Da luz do sol apenas afagada,  
Como a lagoa branca e transparente,  
Sonora, alegre, lúcida, alvejada,  
Quando o arari recorta-a de contente,  
Sem lhe quebrar a lámina íntegra,  
Que a luz, num beijo voluptuoso, erica.
33. Branca! assim nasce branca a flor mimoso,  
A flor do manacá no mesmo galho,  
Em que se azula a irmã, não tão formosa.  
Cai-lhes do ar o mesmo fresco orvalho,  
Doura-lhes ambas a manhã cheirosa  
No mesmo berço deu-lhes agasalho  
A mesma terra, e ao mesmo sol nutritas;  
E ambas ao mesmo sol, e céu floridas.
34. Esta era branca. — A cor notável dela  
Fazia-a recordar antiga era,  
Em que uma raça vigorosa e bela  
Mesclar-se à velha raça então viera.  
Quando cai nas florestas a procela,  
No tempo, em que as visita a primavera,  
Enquanto pelo mato as outras florem,  
As flores brancas vão valendo, e morrem.
35. Cravava à natal língua a língua estranha:  
Muitas palavras novas, que não tinha,  
Quando pela esplanada da montanha  
O povo novo conquistar-nos vinha,  
Apesar da distância ser tamanha  
Nas nossas longas tradições se aninha,  
Como nos seios de uma grande história,  
Dias de luta, e sangue, e queda, e glória.
36. Seria esta mulher daquela raça?  
Naquela fronte de um orgulho inato,  
Busca a morte dormir com tanta graca,  
Lago branco a tremer, como um ragato,  
Por onde um bando de marrecas passa,  
Quando para dormir procura o mato,  
E passa o bando, e fica o lago, e dorme,  
Onde tomba, e ressona a sombra enorme.
37. Chegam assim do grande rio à margem,  
Com tardo e lento, mas seguro passo,  
Todo embebido na esplendente imagem,  
Levantado o ideal de cada traço,  
E buscando as belezas na passagem  
Da Virgem morta, que levava ao braço,  
E deixa, não sem dor, cair do peito,  
— Enquanto corre, e vai fazer-lhe um leito.

38. Pôr a um momento. — Sobre a pedra lisa,  
 Descorada da fronde por um raio,  
 — Talves um raio — o sol prodigaliza  
 Sobre a morta, num lânguido desmaio  
 Quanta luz pode dar, doce, indecisa,  
 Sonolenta. — O que viu? Interrogai-o:  
 Um outro sol no seu cabelo loiro,  
 Sombrio, como a entranha de um tesouro.
39. Suspirou. — Está morta, e é bela ainda.  
 Tira da cinta a arma aciculada  
 De pedra, e a estringe, e cai a palma linda  
 Uma sobre outra, à roda amontoada.  
 Estringe, estringe... A faixa não é finda:  
 A cama dela deve ser formada  
 De quanta flor pelo silvado servilha,  
 De quanta baga prende de baunilha... .
- (Logo que o velho deixa a mulher sobre a pedra, e antes de ir colher  
 no mato as folhas para o leito dela).
40. Olha para o cadáver, e estremece:  
 Um ponto negro, um ponto só manchava  
 O fundo róseo-azul do céu: conhece  
 A ave negra e feroz, que esvoacava  
 Já sobre a presa, e o olhar se lhe entristece,  
 Não por si, pelo corpo que ali 'stava:  
 Rugido d'onças nos brenhais o espanta,  
 E o crocodilo, e a cobra, e o esquilo, e a anta.
41. Olhos alongam em torno: a fraga apanha  
 Da riba; achou-a preparada em maça  
 Rojada do espinhaço da montanha  
 Pela torrente, que bramindo passa.  
 Foice de pedra à terra desentranha,  
 Que ali deixou, um dia andando à caça,  
 Que lhe servirá a derribar o espinho,  
 E a rasgar pelas selvas o caminho.
42. Riram-se as rugas pela face adusta,  
 Requisimada do sol do velho atleta,  
 E a maça enorme numa mão robusta,  
 E a foice noutra, a placides inquieta  
 Ao seu bárbaro e calmo olhar se ajusta;  
 Olha p'ra o céu, e diz: falta-me a seta:  
 Mas aí! da fera, que rugindo passa,  
 Se estendo a mão, e a mão carrega a maça!...
43. As gigantescas árvores arfando  
 Dobravam lentamente a fronde imensa,  
 A sombra colossal desenrolando  
 Pelas charnecas da planície extensa:  
 Retalhavam o céu, mil voltas dando  
 Bandos d'aves; a luz do sol não densa  
 Deluia-se mais e mais, e o vento  
 Soprava morno, perfumado, lento.

44. Como a cauda de um tigre golpeado,  
Que cai, e se ergue sobre as quatro patas,  
E cai de novo com violência e irado,  
Mordendo os troncos, lacerando as matas  
E o olhar, e a bôea, e o corpo ensanguentado,  
Langando ao ar as garras insensatas,  
Já com o sono da morte enfim na fronte,  
O sol morria além pelo horizonte.
45. Pelos juncais do rio doidejantes  
Milhões de moscas de uma luz verdenta  
Vão pontilhando as roupas palpitantes,  
Que ao sol, que aos poucos cai, a noite aumenta.  
Rondam sombras de asperrímos gigantes  
Dentro da selva fria, e sonolenta:  
Rompem a sombra, que a salteia, e infesta,  
Cebros golpes no dorso da floresta.

(Deltada a morta por sobre a pedra, começam a vir pássaros, e outros animais, uns que a espreitam, outros que voam sobre ela).

46. Tiriri... Tiriri. Um longo bando  
De tiriris pousando na mangueira,  
Parecia chamar aos maiores cantando:  
Como uma larga nuvem passageira  
Chusma de urubutingas desatando  
Asas cintosas, gralham na carreira,  
E a rubra côr do colo misturando  
A côr preta dos pés e cauda curta,  
Voam ao bosque, que da vista os furta.
47. Os pequenos sagüins de côr de prata,  
Negras guaribas, papa-oças brancos  
Surgem saltando dos sertões da mata,  
Com a longa cauda sacudindo os flancos:  
Samaratinga de cabeça chata,  
Já coleando, já formando arrancos,  
De anéis verdes a pele semeada,  
Se enrola à pedra, em que ela está deltada.
48. Entre dois grossos troncos seculares,  
Que as lianas apertam nos seus braços  
Mausos, como as suas ondas dos mares,  
Mas fortes na brandura dos seus laços,  
Com chamejantes olhos singulares  
De um guaiapussá, que baba dos espacos,  
A longa cauda fixa em rósea prende,  
E a língua rubra em farpa aguda estende.

(Descrição da Virgem, morta por sobre a pedra, começam a vir pássaros, etc.).

49. Estremecera a entranya da floresta:  
Que aroma doce, que sutil perfume  
Sai dela para pôr em festa  
Esse espantoso e lóbrego cardume...  
Em breves nos sertões já nada resta:  
Calmo o índio viu tudo; e erguia um lume  
Da rocha em torno, só por que não deras,  
Virgem linda, um real banquete às feras.

(O Velho preparando uma espécie de embalsamento).

50. *Oleos, resinas, em que o solo abunda,  
Suco de plantas de suave aroma,  
Em seu saber e prática fecunda  
O velho junta, e junta a tudo a goma  
Balsâmica, com que o corpo inunda  
Da Morta, e um certo tom de vida torna,  
Como fazer aos mortos é costume  
Na Ásia, a pátria da luz e do perfume.*
51. *Depois entre os seus dedos tritmando  
Pequeno verme de sabida planta,  
Que em suas mãos reúne um licor brando,  
Que a cor da aurora em maciez suplanta  
A rósea flor da vida vai deixando  
No rosto dela com verdade tanta,  
Que parece dormir assim, que existe  
Mórbitamente alegre, alegre e triste.*
52. *A cama é feita: o leito está coberto,  
Mole, suave, perfumoso, e belo:  
Que mão assim fêz outro no deserto?  
Falta... E nisto, pintada de amarelo  
Onça, que ele não vira ali por perto  
Investe-o; e ele assim como um camartelo,  
A maça vibra, e diz, prostrando-a imbele:  
Faltava ao leito a setinosa pele.*
53. *Inda estendida, os descerrados dentes  
Estão batendo, em torno ameaçando;  
As garras hirtas, róseas, reluzentes;  
Cruzam-se as patas, como inda agarrando;  
Os olhos rubros, já sem luz mas quentes.  
Olham, como quem sonha, ou 'stá cismando;  
Da fronte, um corpo mole, e sangue escorre:  
Ergue-se, tremé, cai... voltou-se, morre.*

(O velho Pagé, depois de morta a onça, volta à pedra.  
Admiração da peregrina formosura).

54. *Um ser à parte, suspirando disse:  
Delgada e forte: uns tons de láctea opala  
Em véus ligeiros de ouro; ar de ledice  
Sobre boca de morta, que não fala;  
Mel de jataí, que alguém talvez cobrisse  
Com leite branca, gerando a casca estala  
Da siringueira aos golpes do machado,  
E deixa o chão de espumas prateado.*
55. *Rosto comprido, fino, gracioso,  
Olhos grandes rasgados, como taça  
Cada um de lagoa no repouso,  
Turvada pela rede de fumaça,  
Que embala o fogo perto e descuidoso...  
Na fronte inteligente inda que graca:  
Nos lábios paira um riso desenhado,  
Como à margem do rio o inni puxado.*

56. São dois arcos vibrados levemente  
 As sobrancelhas: duas asazinhas,  
 Que se não tocam: não freme: se sente  
 Agora, como dantes: as marinhas  
 Louras praias na curva resplendente,  
 Que se enfeita de rútilas conchinhas,  
 Não se dobram com mais gentil docura  
 Tendo o encanto do arco e da planura.
57. Nas amplas praias de alvejante areia  
 Ele encontrara conchas encarnadas  
 Cheias de água, que aos raios bruxuleia  
 Das soridentes, puras madrugadas,  
 Cada orelha gentil, sem nambibeia,  
 Nuas ambas, da luz do sol lavadas  
 Tinham a maciezza dos armínhos,  
 O alvor do leite, e a pequenez dos ninhos.
58. Tudo que voa, tudo que cintila,  
 Que é gracioso, leve, transparente,  
 Condor branco por curva, que se anila,  
 Lírio, que bebe, e treme na corrente,  
 A juriti, que mûrmura se exila,  
 Onde a mata anda em flor cheirosa e quente,  
 A flor vermelha, a branca flor do cacto,  
 A luz, que dança em cima do regato;
59. Nuvem, que aurora beija, e ao beljo a esgarça,  
 A garridice alegre da canoa,  
 Que, como pelo céu azul a garça,  
 N'dgua azul a ondular ligeira voa:  
 Marreca em rio; tendo ao lado a sarça,  
 Que enquanto a brisa trépida ressoa,  
 Com o bico rubro o verde manto corta...  
 Tudo havia nos pés da virgem morta...
60. Mas... o que o pagé velho admirava  
 Sobretudo na morta formosura,  
 Era a penugem d'ouro, que brilhava,  
 Como os raios de um rastro, que fulgura.  
 Em todo o corpo: o seio se coroava  
 De uma mecha finíssima e tão pura,  
 E tão longa, que a sombra que desata,  
 Era um beijo do sol manchando a nata.
61. Em torno ao umbigo, cicatriz mimosa,  
 Que apenas enrugava a pele, e tinha  
 A depressão da concha côr de rosa.  
 O cabelo crescia, e logo vinha  
 Mais largo e farto em franje setinosa  
 Perder-se numa nuvem, que continha  
 A luz, que irradiava ali defronte,  
 Enquanto o sol se perde atrás de um monte.

62. *Oh! que mulher!... Nas vastas correrias  
Do sol ao norte, em todo o continente  
Americano, em seus imensos dias  
Vividos grande, farta, e longamente  
Não vira igual: nas tribos erradias  
Pelas pampas do sul, na branca gente  
Dos impérios do centro, formosura  
Igual não viu: na mente em vão procura.*

63. *O coração do velho apaixonado  
Pela forma acordava impetuoso:  
Assim o sulco d'água escorregado  
Por vale escuso, em lânguido repouso,  
Onde se espelha o céu iluminado,  
Se a chuva cai, e o vento sopra troso,  
Levanta o dorso, brama, engrossa, ulula,  
E, como o tigre golpeado, pula...*

(Terminado o ato da colocação da Virgem morta no leito de fôlhas,  
o sabiá canta. — Descrição).

64. *Nesse momento a calma era completa,  
Impenetrável, dura: — parecia,  
Como um rochedo, que nas mãos do atleta  
Ao contínuo malhar não cederia.  
Mais eis, que como sonorosa seta,  
Como raio de estréla, que se enfa,  
Ferindo aquela imensa calma, — raiia  
Um canto... Oh! canta o sabiá da praia.*

65. *Parecia voar todo em retalhos  
O manto do silêncio incendiado,  
Como um milhão de rútilos orvalhos,  
Pingos de luz de um mundo desmanchado  
Em outros mundos, soltam-se dos galhos  
Do ipê gigante, ereto, dourado  
Já pelo extremo adeus do sol, que dorme  
Do leito em sangue sobre a pele enorme:*

66. *A natureza... a bela natureza  
Americana, esplêndida, enterrada  
À meia sombra, à sombra da devesa  
Naquela hora, hora tétrica e magoada,  
Que convidava à plácida tristeza,  
Nem parecia arfar de subjugada:  
Meio acordada no seu grande leito,  
Entre angústia e prazer, calma e respeito,*

67. *Sentia o jugo do suave canto  
Premer-lhe a entranha: soluçava a espagos  
Nos hombros verdes solto o negro manto,  
Desafrouxados pela sombra os braços...  
A floresta tremia, arfava ao encanto  
Daquela voz; e os enervados, lassos  
Troncos, e as fragas duras se penduram,  
Para aprendê-lo, e baixo inda o murmuram.*

68. Cortava largamente desfendo,  
 Como um bando de mundos luminosos,  
 As notas cristalinas, entornando,  
 Como aromas de vasos preciosos,  
 Como raios de olhar macio e brando,  
 Como soluções de paixão ruidosas,  
 Como gritos de paz e de alegria  
 O sonoro país, que o azul fendia.
69. Agora vai caíndo lentamente,  
 Como um fogo, que vai morrendo aos poucos;  
 Levanta-se de novo um grito ingente:  
 Desgrenhados, vibrantes, fortes, loucos,  
 Ferindo, como maça em mão potente,  
 Sucedem-se; são ventos; mais, são roucos  
 Duros tuídes no dorso da tormenta...  
 Chove, relampagueia, estronda, venta...
70. Caiu: é brisa: mais e mais; já chora,  
 E plangente harmonia: a nota abarca  
 O universo da dor humana: agora  
 Pára: esta parada é doce: marca  
 Um estádio, um ponto, um sonho; um' hora.  
 Hora para sonhar, desliza: a barca  
 Da existência aos relâmpagos dormita.  
 A nota volta, limpida, infinita,
71. Alegre: pica o espaço de volatas;  
 Hd rendilhado: os berços dos amantes  
 Balançam-se nas rédes pelas matas:  
 Cantam, rangendo os braços odorantes  
 Das acácias gentis; rugem cascatas  
 Pequeninas, festivas, saltitantes,  
 Levantando os lençóis de nenúfares:  
 Ninhos inteiros chilram pelos ares...
72. Ninhos inteiros: ouvem-se os cantores  
 De tóda selva orquestrizando: é uma  
 A voz; e essa contém tódas as cores,  
 Todos os tons das outras: brinca, espuma,  
 Salteia, vibra, afina-se, a supores  
 Que tóda a selva americana em suma  
 Meteu naquele pequenino bico  
 A alma do sol, que a anima, e é tão rico.
73. Mas a expressão do seu último grito,  
 A nota apaixonada, a mais vibrante,  
 Esse arranco, que sai de um peito aflito,  
 Que sabe aquela só, que tem a amante  
 Que ama em segredo, a quem jamais tem dito  
 Que ama, e não pode um dia, um' hora, um instante  
 Dizer-lhe, amo-te, embora aos pés lhe caia  
 Morto, se ao ouvi-lo a amante um riso ensai...

74. *Essa nota tristíssima, apurada  
Foi seu último adeus. — Quem há notá-las  
Como uma estréla pelo azul vibrada,  
Tremendo, que parece até que fala,  
Foi lágrima da luz do sol banhada,  
Foi riso, que também lágrima exala,  
Teve o perfume e a dor duma saudade,  
Deixou a arfar, ao ouvi-lo, a imensidão...*
75. *Não noiteinda, e não dia, a luz tremente  
Da tarde, que fenece, uma sanguentra  
De luz babava os montes do ocidente:  
Delgada, em curva esplêndida e ligeira,  
Como um arco de branco rosto ausente  
Sob um manto de névoa passaginha,  
Qual rôde de algodão, em que flutua  
O pequeno tupi, — nascia a lua. —*
76. *Estátua de uma pedra luzidia,  
Que o tempo com seus passos esmagasse,  
E onde a vegetação cresce sombria,  
Uma tristeza enorme pela face  
Do velho chefe lugubre escorria.  
Se houve alguém na mata, que acordasse,  
A quem tão fundo dorme!... Arfa-lhe o peito,  
Fôra de um noivo o perfumado leito.*
77. *Suspira, e diz: Melhor é ser da morte!...  
E olha o seu rosto ali no espelho d'água,  
Que perto está... o braço, o braço é forte  
Mas o rosto... e um gemido houve de mágoa,  
De dor, acaso de ciúme: o porte,  
Já de alquebrado pela estranha frágua,  
Dobrou, como a palmeira cai partida  
Pelo raio: porém chama-o à vida*
78. *Rumor imenso: a selva retalhada  
De luz, que oscila; o músico instrumento  
Por centenas de mãos acompanhado,  
Acorda a solidão; pensa um momento...  
As tribos, — diz: um rio despenhado,  
Que engrossa a chuva, e que sacode o vento,  
Procuram-na: acharão. — Achar que importa?  
Quem pode agora despertar a morta?*
79. *Tufão, ou raio, ou queda de corrente  
Dos Andes pela encosta pedregosa,  
Descalvada, a silvar, como serpente,  
Que bate a cauda em chama jagulhosa,  
Lugubre, imensa, horrenda, de repente  
Assombra a face tímida e chorosa  
De um índio jovem, cuja alta coragem  
Era lenda na América selvagem.*

(Raiva do índio guerreiro — cena da flecha, visões, terror).

80. Era tremendo o aspecto do guerreiro,  
Fantástico, grandioso, enorme!... O abismo  
E a sombra, a queda e o despenhadeiro,  
O raio e o estrondo, o mar num paroxismo  
De angústia e de blasfemia, — o verdadeiro  
Tom desse aspecto cheio de heroísmo  
E bravura emprestavam-lhe; e os horrores  
Da treva soluçando em suas dores,
81. Faziam dele um Ser à parte, estranho,  
Vertiginoso, colossal; saltavam  
Serpes dos olhos de fulgor tamanho,  
Que as várias tribos pasmas enroscavam,  
E as faciam tremer, como um rebanho  
Imbele e vil, que as onças atacavam;  
Parecia um pampreiro equilibrado,  
Que iria desabar: um grande brado,
82. Um rugido do mar paira-a em torno  
De um vagalhão; a cauda da tormenta  
Ele agarraava às suas mãos, e mórnio  
E lobrego ostentava essa opulenta  
Messe de raios, que é diadema e adôrno  
Da procela, que ruge e não rebenta  
Por cima do espinhaço da montanha:  
Encarnava-se nêle a horrenda sanha.
83. Dos maracás das tabas do universo,  
Por que não vinham elas levantadas  
Contra si, por um deus ímpio e adverso  
Conduzidas? — Por que desencadeadas  
As flechas das montanhas, o perverso,  
O invisível Tupan, as mãos armadas,  
Gotejando de estrélas, esmagá-lo  
Precipite não vinha? — O céu é um valo,
84. Que não transpõe ninguém: mora o cobarde,  
Onde não vão as asas dos condores,  
Onde não chega o sol, e tibio arde  
Frouxamente seu lume; onde os rumores  
Não vozeiam do oceano; e a medo, e tarde  
Cuspindo o azul de vermes multicolores,  
Atrás de uma estacada de alabastros,  
Mostra um só dedo, em que servilham astros.
85. A indomita bravura espadananava,  
Como um rio que encontra um monte em frente,  
Recuando bramia e se alteava  
Espumosa roncando, e aos brancos dentes  
O ar em vão mordia e retaihava.  
Tinha as rosas convulsas da serpente,  
Tinha os rugidos temerosos da anta,  
Quando a flecha, que a fere, a não suplanta.

86. *O canitar de penas encarnadas  
 Não levava à cabeça: o enduapo lindo  
 Não lhe cingia os rins, as implumadas  
 Flechas não iam do carcás fugindo  
 Por cima dos seus hombros: levantadas  
 As duas mãos, bem como quem brandindo  
 Um colosso, — mostrava no semblante  
 A atitude esmagada de um gigante.*
87. *Perdera todas numa só batalha!...  
 Assim arranca o vento ao ipê as flores,  
 Mas ningum vê a bôca, que farfalha,  
 E acumula no sopro os seus horrores;  
 A taba ruge, o incêndio ateia a palha;  
 Riscam o céu os pálidos fulgores  
 De sinistras visões; — transborda o rio...  
 Quem foi? E o olhar golpeava o céu — sombrio.*
88. *No chão deitou-se: e a tribo o viu pasmada!  
 Tirando das mãos o arco do vizinho  
 E a flecha fina, dura, enorme, ervada,  
 Como quem vai buscar no próprio ninho  
 Das nuvens, a águia branca equilibrada,  
 Vibrou-a: ouviu-se um ronco, um murmurinho;  
 Voava a flecha: e como quem observa,  
 No arco os pés, na corda as mãos conserva.*
89. *Tomá-la ia Anhangá! — Furando os ares,  
 Perdeu-se na amplidão profunda, imensa!...  
 E ele arrojando os turbidos olhares,  
 Como um atleta em ato de defesa,  
 Buscava ver da copa dos palmares,  
 Ou mais além da vastidão extensa,  
 Mutilado de um pé, cego de um olho,  
 Cair Tupão do céu n'algum escolho.*
90. *E azulava-se o céu plácidamente:  
 Sobre a brasa das asas coruscantes,  
 E os flocos rubros de algodão errantes,  
 Como rubras araras na corrente  
 Sobre a brasa das asas coruscantes,  
 Pareciam graxnar no sangue quente  
 De um deus golpeado às suas mãos possantes...  
 E iam passando lentas no horizonte...  
 E o deus ferido não mostrava a fronte!*
91. *Mas entre as várias formas, que tomado  
 As nuvens vdo no ocaso radiante,  
 Com dois olhos ardendo e flamejando  
 Avulta um veado branco, doidofante,  
 Já sobre os pés deitado, já voando;  
 Do pelo a alvura é fina e deslumbrante:  
 E como o sangue sai das veias rótas...  
 Dos olhos sai-lhe sangue vivo em gótas...*

92. — *Anhangá!... — Clama o índio em pé de um salto,  
Deixando o arco pelo chão deitado,  
Como se um monte de repente salto  
Aos pés, o corpo vira arremessado  
Do viso enorme, ou de lugar mais alto,  
E inopinadamente despenhado,  
Fôsse a fronte bater n'algum penedo!...  
Por vez primeira o índio enfim tem medo!...*
93. *Mas Guaraci vê sombra, e não um vulto;  
Não o corpo de um deus, que o fere: ah! visse,  
Visse ele o deus... o deus pedra indulto  
Ao seu braço; esse deus fôra meiguice,  
Cobardia, terror, piedade, culto  
A sua força insólita: dormisse,  
Como dorme o oceano, o ódio em su'alma,  
E ele veria, de quem fôra a palma...*
94. *A palma do triunfo no terreiro,  
A palma do combate frente a frente,  
Corpo a corpo: o tacape do guerreiro,  
E o tacape do deus onipotente...  
Havia o deus de mim recuar primeiro,  
Cair vencido, em sangue, de repente.  
Quem foi, que ousou arrebatar-me a espada?  
Ousou Tupã! Que deus ousou? Quem ousa?*
95. *A fôrça! a fôrça! Que lhe presta a fôrça  
A final. Contra aquela cobardia?  
Estar ali, como ferida corça,  
Ou como palha seca e fugidia,  
Que sobe e cai: por mais que ela se torça  
Com valvês a subir, não subiria...  
Ela está morta: quem ma ressuscitar  
Dou-lhe a terra, que minha raça habita.*
96. *E olhava tudo em torno silencioso...  
Como a pantera, que da furna espiá  
A caça amada, prelibando o gôzo,  
Que igual caça lhe deu, e esta daria;  
Era terrível mesmo no repouso,  
Sim! mais terrível, quando emudecia:  
Era uma catadupa prisioneira,  
Que irrompendo, alagara a terra inteira.*
97. *Não compreendia tanta iniquidade  
Dos deuses ante tanta formosura.  
Seria tudo então fatalidade?  
De que servia o ânimo e a bravura?  
Pois se qualquer estulta divindade,  
Oculto como um verme na espessura,  
Podia tudo e mais, inconsciente,  
Podia tudo indiferentemente?*

98. *E andava inquieto d'um para outro lado,  
Dando gritos de alarma e de comando,  
E brandia o tacape enorme, irado,  
E parava de chôfre o miserando,  
Como se visse um mundo subterrâno  
Sem mais ninguém para vencer, ficando  
Só no campo deserto, triunfante  
No terreiro, sem mais ninguém adiante.*
99. *Tudo acabara então! Já não havia  
Amigos e inimigos sobre a terra!  
Onde parar tôda esta terra iria?  
Não há mais tabas, e não há mais guerra!  
Mesmo a atmosfera azuleja 'sta tão fria!  
Que astro sem luz por estas curvas erra?  
Ou morri eu? Pra o morto é tudo extinto:  
Não vejo nada mais; mais nada sinto.*
100. *Sua o boré. O músico instrumento  
Quem o tocoul? quem viu? Naquele instante  
Fôra como o aslar súbito de um vento.  
Ninguém soube quem foi; o eco vibrante  
Estrelou como um sol no firmamento,  
Deu vida a um mundo opaco e vacilante;  
E o próprio chefe, como que descia  
Das trevas em que andava à luz do dia,*
101. *Pensou. — A consciência combalida  
Por uma aluvião de idéias, era  
Agora despertada pela vida  
Antiga... Nele dominara a fera,  
A fera, que há nos homens escondida;  
Rugiu. — Quem novo alento à alma lhe dera,  
A poder resistir a esse excessivo  
Mal... o maior que pode enletar um vivo...*
102. *Iludia-se o índio. A mocidade,  
O ardor bético antigo, o uso do braço,  
A rigidez dos músculos, vontade,  
Brio, costume de vencer o espaço,  
Prazer do triunfo, enfim celeridade,  
Em ir, em vir sem freias e embarço,  
O orgulho de não ser jamais vencido,  
Da vida o gôzo nunca interrompido*
103. *Deram-lhe à dor impulso extraordinário:  
Pensava agora em libertar-se dela,  
Como de um vil, e estranho adversário...  
Voltando os olhos, vendo-a inda tão bela,  
Tão bela e morta, o índio é visionário;  
Fria... tão fria, a vista aflita nela  
Procurava por tôda a parte aonde  
O deus que a fere e que o feria se esconde.*

(A tribo chorando a morta).

104. Nenhuma melancólica linguagem  
Juntara ao rouco som o som mais brando,  
Como o da tribo lúgubre selvagem  
Sua princesa morta ali chorando:  
O gesto era expressivo, e forte a imagem  
Dês que os ecos das selvas acordando  
Com chôro, como a chuva nos palmares,  
Fazia o chôro recordar dos mares.
105. Vento, que ulula em brenha temeroso,  
O que por cima dos silvais farfalha  
Ora brando e mais brando, ora em repouso,  
E o vento, que entra em rígida batalha  
Contra o tronco titânico e alteroso,  
E os com braços mordendo aírâa, e o esgalha,  
Deixando os rotos, seculares braços  
Caídos para sempre dos espaços;
106. Não tinha o canto mais feroz e doces,  
Nem mais cheio de angústia e de ternura,  
Como se acaso temperado fosse  
Com mel, que a jataí tem na espessura  
Ou com o ronco feroz, que o jaguar trouxe,  
Quando, ao latir dos céus, que em vôo procura  
Salta, ardendo vulcões dos cavos olhos,  
Por troncos, seixos, matagais, escolhos.
107. De vale em vale se despenha o grito,  
Como torrente temerosa e vasta,  
Que irrompendo das fauces do infinito  
Agora sobe, agora cai, se arrasta  
Logo na relva, logo no granito,  
E tudo quanto encontra adiante afasta,  
E na floresta enorme, que adormece,  
Do seu curso meter o horror, parece.
108. Dir-se-ia em pranto andar nessas endechas  
As almas tódas dos heróis amantes,  
Enxopando-as de lágrimas e queixas,  
Desconsoladas, lobregas, errantes.  
Tufão que o ar ferindo com as madeixas  
Nelas prendeu fantasmas de gigantes,  
O som da maça enorme despertado  
Sobre um crânio, que cai despedaçado...
109. E atô o riso da mulher formosa  
Olhando o corpo nu no espelho d'água,  
E o chilar de criança bulicosa,  
E o soluço tristíssimo da mágoa,  
Faz a torrente grossa e majestosa,  
Que unida corre, e funde-se, e desagua  
Num só grito feroz de desespéro,  
Que parece inundar o mundo intelecto.

110. O mōço estava lānguido e tranquilo,  
 O olhar fundido no cadáver mudo;  
 Só ele não cantava, e via aquilo,  
 Como se nada visse, ou visse tudo:  
*Imóvel, como à praia o crocodilo*  
*Dentro do seu enorme casco rudo,*  
*Confiando das garras navalhadas*  
*Horas, à doce luz do sol logradas.*
111. Não chorava: rugia baixo e baixo,  
 Como o jaguar caldo na forquilha,  
 Em cada olhar um fumarento sacho,  
 Que entre névoas ou dorme, ou treme, ou brilha:  
*Ia fervendo pelo rosto abaixo*  
*O suor copioso, que fervilha*  
*No seu semblante esplêndido e bizarro,*  
*Como o fogo, que luz, cozendo o barro.*
112. Era d'alta estatura: a fronte larga,  
 Olhos do lado extremo elevados,  
 A bôca grande, forte, austera, amarga,  
 Pernas compridas, braços alongados,  
 Hombros afetos à pesada carga,  
 Peitos aos duros golpes preparados,  
 E uma nobreza em tâda essa figura,  
 Que a própria dor enchia de docura.
113. As velhas dando em torno da fogueira  
 Feita de sécos toros de arvoredo,  
 Voltas e voltas, vão de maneira  
 Cozendo o barro, e derramando o mēdo  
 Com tão sinistra e rouca choradeira  
 Uma com outras, como num segredo,  
 Embrulhadas na luz amarelenta,  
 Que era como um cair de chuva lenta.
114. Os velhos magros, ríspidos, sisudos,  
 De pouca barba, e muitas cicatrizes,  
 Preparavam as vârias tintas, mudos,  
 Para fazer as cōres, e os matizes,  
 E esculturar os seus emblemas rudos,  
 Tirando sumo às fôlhas e raízes,  
 E deixarem no túmulo de vaso  
 O lema, que pedia o triste caso.

(Enquanto os velhos preparam o vaso, o que há pelo terreiro).

115. Sacos de peles de animais bravios,  
 Céatos de vime forte entrelaçados  
 Com plantas, que colheram junto aos rios,  
 Cujos prodígios são experimentados,  
 Cordas de embira, e ossos luzidios  
 Por artífices práticos moldados,  
 Guardam lá dentro, e sobretudo o milho  
 Que tem do sol em cada grão um brilho.

116. Outras estão de penas carregadas,  
 Várias na forma, e várias na grandeza;  
 As do guardá infante avermelhadas,  
 Que quando velhas mudam de beleza  
 Antes a bela cór das alvoradas,  
 Depois as negras notas da tristeza;  
 Antes luz, cintilar, sol, fogo, aurora,  
 Noite de escuridão profunda agora.
117. Como de tigres de malhadas córes,  
 Com dentes nas caveiras conservados,  
 Que dos hombros os índios superiores  
 Gostam de ter até aos pés lançados,  
 Como foram terríveis vencedores  
 Dos animais ferozes atacados  
 A seta, à maça, à pedra, à corda, ao laço,  
 E às vezes peito a peito, e braço a braço.
118. Rêdes de corda da taquara enorme,  
 Que enterra céus a dentro a flecha esguia,  
 Onde o guerreiro afadigado dorme,  
 Buscando o alento, que lhe pede o dia  
 Quando o seu braço o marcará informe,  
 Que nunca trai a sua valentia,  
 Para o brandir girar sobre si mesmo,  
 E o inimigo fazer cair a êsma.
- (Os pássaros dançadores: sobre a Morta).
119. Vieram logo os pássaros em festa:  
 Eram cinco formosos dançadores,  
 Que andam em grupo, e o seio da floresta  
 Enchem de movimento e resplandores:  
 Um no meio dos quatro sempre resta  
 Cantando, e sobe, e desce, e em seus ardores  
 Os outros vão em círculo passando,  
 Do que canta o compasso acompanhando.
120. Depois, o que no centro estava, veio  
 Mudar-se aos outros; logo um déles deixa  
 O lugar que ocupava, e vai no meio  
 Guiar a dança; e um novo canto e queixa  
 Dirige: é nota nova, é novo enleio:  
 Nenhum, no instante próprio, ouvindo a endeixa  
 Olvida o vdo: um com outro o alterna;  
 E é cada vez a música mais terna.
121. E vão assim dançando, e vão cantando  
 Por cima dessa morta formosura,  
 Ora o vdo subindo, ora baixando  
 Num balanço, onde gema uma amargura,  
 Até que reunidos todos, quando  
 Vão deixá-la, e partir para a espessura,  
 Parece, que no seu último adeijo,  
 Pousa um a um da Morta à frente um beijo.

## (O Pagé: Epílogo)

122. *Chama o Pagé: acode o Sacerdote,*  
*Trazendo o maracá sustido ao braço:*  
*Tem majestade no seguro porte;*  
*E é tardo, e firme, e compassado o passo*  
*Como quem pena vai dizer de morte.*  
*Vai cabibaixo, o olhar vicioso e lasso,*  
*Plumas nos pés, nas mãos, e nos joelhos,*  
*A cara negra, os sobrolhos vermelhos.*
123. *Colar curto de conchas encarnadas,*  
*Colar mais longo de fiaços dentes,*  
*E por espáduas largas desdobradas*  
*Pele de tigre negro, as mãos pendentes,*  
*Mostrando ainda as unhas encurvadas,*  
*Finas, agudas, brancas, resplendentas,*  
*E um canitar, que lhe sombreia a cara*  
*Rubro, bem como o sol e como a arara.*
124. *Pára o Pagé: a cova incendiada*  
*Se afunda em cada um olho do guerreiro,*  
*E como lenha em chamas ateada*  
*Crepita, e lança um sanguinoso cheiro,*  
*A luz como fumo em jatos lançada,*  
*Tem rugidos de tigre carniceiro*  
*Vendo o Pagé ao pé, convulso brada:*  
*Velho Pagé, não descobriste nada...*
125. *Quem sabe! Agora um desmaiado alento*  
*Agora a doce e tímida esperança,*  
*Sopra de ti, como um celeste vento,*  
*Que mal move o teu dedo de criança:*  
*Agora morre, agora lento e lento*  
*A negra noite horrendo à mente avança,*  
*E da descrença o formidável espetro*  
*A alma me assalta, e me espedeça o plectro.*
126. *Adeus meus sonhos, para sempre. Agora*  
*O sol, que iluminava a fantasia,*  
*O rosto d'ouro languido descora,*  
*E trança ao colo o manto negro o dia,*  
*O dia, que inda nos teus olhos mora*  
*Porém que para mim já não radia:*  
*Minha alma enchia as vagas da corrente*  
*Bebidas no teu lábio rubro e argente.*
127. *Pobres selvagens, que eu cantava à lira*  
*Num grande canto feito de carinho,*  
*Ali! fugiu de mim já, já não me inspira*  
*Essa, que me ensinou por que caminho*  
*O gênio marcha, e firme os passos gira*  
*Por onde águias e sóis fazem seu ninho.*  
*Sim! para sempre, e só para meu dano*  
*Interrompo o poema americano...*